

Reuters/Folhapress

CORREIO NO MUNDO

Prime Minister's Office



Primeiro-ministro britânico enfrenta grande pressão

Keir Starmer afirma que não vai renunciar ao cargo

O primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, afirmou em reunião de gabinete nesta terça-feira (12) que não pretende renunciar, apesar da pressão crescente dentro do Partido Trabalhista após a derrota histórica da legenda nas eleições locais do fim de semana.

Convocado em caráter emergencial, o encontro ocorreu um dia após renúncias de assessores e secretários de seu governo, além de pedidos de parlamentares trabalhistas para que ele deixe o cargo, num processo de fritura do premiê. No cargo há menos de dois anos, Starmer repetiu que, embora assumisse a responsabilidade por uma das piores derrotas eleitorais do Partido Trabalhista, não houve nenhum movimento oficial para iniciar uma disputa pela liderança.

Starmer enfrenta grande pressão

Vários ministros leais expressaram apoio a ele. Foi a mais recente promessa de Starmer de seguir adiante com um governo que tem sido marcado por escândalos e mudanças de política desde que conquistou uma ampla maioria nas eleições nacionais de 2024. Na segunda-feira, após a crise estourar de vez, ele prometeu agir de forma mais ousada para enfrentar os problemas que afetam a política britânica e tentar fortalecer seu futuro político.

Mike Peel via Wikimedia Commons



Opositores de Keir Starmer não comentaram o caso

Custos dos empréstimos aumentaram

Em referência ao aumento dos custos de empréstimos, impulsionado pelo temor de nova turbulência política no país, o premiê afirmou que “as últimas 48 horas foram desestabilizadoras para o governo” e tiveram “um custo econômico real para o país e para as famílias”.

“O Partido Trabalhista possui um processo para desafiar um líder, e isso não foi acionado”, disse Starmer ao gabinete. “O país espera que continuemos governando. É isso que estou fazendo e o que devemos fazer como gabinete.”

Opositores não comentam o assunto

Ao deixar Downing Street, ministros aliados reiteraram apoio ao premiê. Pat McFadden (Pensões) afirmou a jornalistas que ninguém desafiou Starmer durante a reunião. Já integrantes do governo apontados como favoráveis à saída do premiê, como os ministros Wes Streeting (Saúde) e Shabana Mahmood (Interior), deixaram o local sem comentar o assunto.

Por Folhapress

Chacina

Os ataques de Israel no Líbano já deixaram 380 pessoas mortas desde o início do cessar-fogo na guerra entre o Estado judeu e o grupo extremista Hezbollah, iniciado em 17 de abril, de acordo com dados divulgados nesta terça-feira (12) pelo Ministério da Saúde libanês à agência de notícias AFP.

Vítimas

Entre as vítimas estão 22 crianças e 39 mulheres. Ao todo, cerca de 2.900 pessoas foram mortas no Líbano desde o início do conflito, em 2 de março. Apesar da trégua, Israel continua bombardeando o território libanês. Pelos termos do acordo de cessar-fogo, o governo israelense mantém o direito de agir contra ataques.

Líbano questiona

Ataques que sejam considerados “planejados, iminentes ou em andamento”, diz o acordo. Tel Aviv justifica as ofensivas ao vizinho apontando supostas violação da trégua por parte do Hezbollah, uma acusação recorrente de ambos os lados ao longo do conflito. Já as autoridades libanesas afirmam que as ofensivas são premeditadas.

Cessar-fogo

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou na segunda-feira (11) que o cessar-fogo no Oriente Médio “respira por aparelhos”, após rejeitar a contraproposta do Irã para encerrar a guerra. O republicano também afirmou que avalia retomar as escoltas navais no estreito de Hormuz, mas que ainda não havia tomado uma decisão.

Paciente terminal

Em meio à crescente pressão interna pelo impacto do conflito sobre a economia americana, Trump declarou que a trégua está por um fio e comparou a um paciente em estado terminal. “É como quando o médico entra e diz: ‘Senhor, seu ente querido tem exatamente 1% de chance de sobreviver’”, afirmou a jornalistas na Casa Branca.

Moderados e loucos

No domingo (10), Trump rejeitou a contraproposta iraniana e a classificou como “totalmente inaceitável”. Apesar do impasse, Trump negou estar sob pressão e prometeu “uma vitória total” sobre o Irã. Questionado sobre a possibilidade de novas negociações, afirmou que a liderança iraniana está dividida entre “moderados” e “loucos”.



União Europeia vai impor sanções aos colonos de Israel

UE sanciona colonos israelenses na Cisjordânia

Netanyahu chama medida de ‘falência moral’ do bloco europeu

Guilherme Botacini (Folhapress)

A União Europeia anunciou que vai aplicar sanções contra colonos israelenses na Cisjordânia, uma medida que acaba com impasse sobre o assunto no bloco.

Ações do tipo eram bloqueadas havia meses pelo governo do húngaro Viktor Orbán, aliado do governo de Binyamin Netanyahu e derrotado em eleições por Péter Magyar, que tomou posse no sábado (9) com promessas de reaproximação de seu país com a Europa.

“Era hora de superarmos o impasse e agirmos. Extremismos e violência têm consequência”, afirmou a estoniana Kaja Kallas, chefe da diplomacia do bloco europeu, em publicação no X na qual também disse que a medida atinge figuras proeminentes do grupo terrorista Hamas. Não há, por enquanto, detalhes sobre os indivíduos alvo das sanções.

O governo israelense reagiu ao anúncio com críticas duras à UE. “Enquanto Israel e os EUA estão ‘fazendo o trabalho sujo da Europa’ ao lutar pela civilização contra lunáticos jihadistas no Irã e em outros lugares, a União Europeia expõe sua falência moral ao estabelecer uma falsa simetria entre cidadãos israelenses e terroristas do Hamas”, publicou a conta do gabinete de Netanyahu no X.

A referência do governo foi à declaração do primeiro-ministro da Alemanha, Friedrich Merz, em

junho do ano passado, que afirmou que o Estado judeu estava “fazendo o serviço sujo por todos nós” ao atacar o Irã, no que ficou conhecido como guerra dos 12 dias em Israel.

A mensagem de Tel Aviv carrega ainda um dos principais debates e polêmicas relativos à Cisjordânia: a ocupação do Estado de Israel do território palestino, assim reconhecido pela maioria da comunidade internacional.

“Políticos europeus são coagidos por seus eleitores radicais, mas sancionar judeus por viverem na Judeia e na Samaria é inaceitável. Judeia é de onde vêm os judeus, e Israel vai sempre proteger os direitos dos judeus de viverem no coração de nossa pátria ancestral”, afirma a publicação.

Judeia e Samaria são os termos oficiais de divisão administrativa usados por Israel para se referir à Cisjordânia. Esse território palestino, assim delimitado pelo plano de partilha da área desenhado pela ONU em 1947, foi ocupado pela atual Jordânia até 1967, quando Israel toma controle do território durante a Guerra dos Seis Dias.

“A iniciativa dos assentamentos não será dissuadida. Continuaremos a construir, a plantar, a defender e a colonizar por toda a terra de Israel”, afirmou o ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, após o anúncio europeu, chamando o bloco de “união antissemita”.